

BREVE ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA JANENE À LUZ DA CULTURA POLÍTICA

Carla Andréia Alves da Silva Marcelino¹

Resumo: A família Janene, alvo deste artigo, é uma das famílias estabelecidas em Londrina-PR e dentre os seus mais de trinta anos de história política da cidade, sempre esteve em evidência na mídia, ligada a fatos supostamente ilícitos, sendo citado o seu envolvimento em casos de corrupção, estando também envolvidos na operação da Polícia e da Justiça Federal, conhecida como Lava-Jato. Pretende-se fazer uma breve análise da trajetória de José Janene e seus familiares, à luz dos conteúdos sobre cultura política. Para tanto, serão apresentados dados biográficos e de trajetória social da referida família, elaborados a partir do conceito de trajetórias de Pierre Bourdieu; após, far-se-á uma análise desta trajetória a partir de conceitos como clientelismo e mandonismo, pautados principalmente nos autores Tereza Sales, José Murillo de Carvalho e Vitor Nunes Leal. Como resultado de tais análises temos que Janene fez parte de um círculo vicioso: investiu dinheiro em política, obteve retorno financeiro da política, investiu mais e obteve mais dinheiro ainda e, na medida em que ganhou mais dinheiro, obteve mais poder político, chegando a ser apontado como “o político que mandou no Brasil”. Apesar de ter sido uma liderança do PP por quase toda a sua carreira política, Janene transitou tranquilamente por outros partidos, estando registradas as suas relações com PT, PMDB e PDT, com influência política e “negócios” expandidos para outros Estado do Brasil, além do Paraná, confirmando as teses sobre cultura política apresentadas pelos autores já mencionados, de que a organização da política brasileira se dá a partir da política local, individualizada em seus “caciques”, os quais por meio dos cargos e funções ocupadas em âmbito local conseguem, por meio de várias estratégias, dentre elas o clientelismo, ganhar projeção em outras esferas (estadual e nacional), comprovando que o clientelismo é um fator integrador da política no Brasil atualmente e que este não é apenas uma retórica ou um conceito vazio, mas sim um prática política de resultados garantidos, a qual acirra as desigualdades sociais, cerceia a distribuição de recursos e empobrece a oferta das políticas públicas.

Palavras-chave: Janene; cultura política; clientelismo.

BRIEF ANALYSIS OF THE JANENE FAMILY TRAJECTORY IN VIEW OF POLITICAL CULTURE

Abstract: The Janene family, the target of this article, is one of the families established in the city and among its more than thirty years of political history in Londrina, has always been in the media, linked to supposedly illicit facts, and its involvement in cases of corruption, being also involved in the operation of the Police and Federal Justice, known as the “Lava-Jato”. It is intended to make a brief analysis of the trajectory of José Janene and his family, in the view of the contents about political culture. To this end, biographical and social trajectory data of this family will be presented, elaborated from Pierre Bourdieu's concept of trajectories; Afterwards, an analysis of this trajectory will be made from concepts such as clientelism and mandonism, based mainly on the authors Tereza Sales, José Murillo de Carvalho and Vitor Nunes Leal. As a result of such analysis we have that Janene was part of a vicious circle: he invested money in politics, got financial return from politics, invested more and made even more money, and as he made more money he got more political power, even be named as “the politician he sent to Brazil”. Although he has been a PP leader for most of her political career, Janene has quietly moved through other parties, her relations with PT, PMDB and PDT being recorded, with political influence and expanded “business” to other states of Brazil, besides Paraná, confirming the theses on political culture presented by the aforementioned authors, that the organization of Brazilian politics is based on local

¹ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná, mestre em Sociologia pelo mesmo programa, Especialista em Políticas Públicas pelo Instituto Federal do Paraná, graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual de Londrina, Assistente Social do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná e professora de graduação e pós-graduação na área de Serviço Social e Políticas. carlaalvesmestrado@gmail.com

politics, individualized in its “caciques”, which, through their positions and functions held at the local level, are able to , through various strategies, including clientelism, to gain projection in other spheres (state and national), proving that clientelism is an integrating factor of politics in Brazil today and that this is not just a rhetoric or an empty concept, but It is a political practice of guaranteed results, which increases social inequalities, restricts the distribution of resources and impoverishes and the provision of public policies.

Keywords: Janene; political culture; patronage.

Introdução

A política no Município de Londrina tem sido alvo de estudos sociológicos, despertando interesse tanto pela forma peculiar de organização da política local, quanto pelas sucessivas cassações de mandatos de prefeitos. Mas o que efetivamente chama a atenção é a rede de nepotismo, a quantidade de famílias que se estabeleceram no poder local em tão pouco tempo de existência da cidade. Apesar dos pouco mais de 80 anos de existência (fundada oficialmente em 1934), Londrina já acumula famílias que alçaram carreiras e cargos até mesmo em âmbito nacional, tais como os Belinati, Richa, Leite Chaves, Janene e tantos outros.

A família Janene, alvo deste artigo, dentre os seus mais de trinta anos de história política em Londrina, sempre esteve em evidência na mídia, infelizmente ligada a fatos não tão lícitos, sendo citado o seu envolvimento em casos de corrupção envolvendo o antigo banco público do Paraná, o BANESTADO, o caso AMA/COMURB (desvio de recursos de licitações fraudadas no Município de Londrina), o mensalão, e agora, na atualidade, seus membros estão também envolvidos na operação da Polícia e da Justiça Federal, conhecida como Lava-Jato². Importante logo nesse início frisar que a família possui três grafias do sobrenome: Janene, Jannani e Jenani, mas se trata exatamente da mesma família, tendo inclusive irmãos com sobrenomes grafados diferente em razão na naturalidade de cada um (parte nasceu no Líbano e outra no Brasil).

Este artigo pretende fazer uma breve análise da trajetória de José Janene e seus familiares, à luz dos estudos sobre cultura política. Para tanto, na primeira parte, apresentaremos dados biográficos e de trajetória social da referida família retirados da dissertação³ produzida pela autora deste artigo; no segundo item, faremos uma análise desta trajetória a partir de conceitos como clientelismo e mandonismo.

² Como Londrina virou o tubo de ensaio que inventou o petróleo. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/como-londrina- virou-o-tubo-de-ensaio-que-inventou-o-petrolao-dw4t01v0kn0gk7u3049vz52kb?ref=capa-gg>>. Acesso em 28 fev. 2014.

³ Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR, no ano de 2015, de título “Relações de Poder e Parentesco no Município de Londrina-PR”.

A família Janene também é objeto da tese da presente autora face ao fato de, ao pesquisar o sucesso da família Belinati, central na dissertação, a família Janene sempre apareceu nos meandros dos processos decisórios e de ocupação nos espaços públicos. Ao início, pareciam ser apenas “uma sombra” da família Belinati, mas ao longo da pesquisa, descobriu-se que não só os Belinati, como tantas outras famílias em Londrina e em outros locais do Paraná contaram com a mão “invisível”, pesada e decisiva da figura peculiar que foi José Janene.

1. O Caminho da Pesquisa

Para levantar e apresentar os dados do presente artigo, especificamente no que tange à primeira parte desta pesquisa, que se refere à história da família Janene, lançaremos mão da sociologia das biografias. Segundo Mills⁴ (1969 citado por Montagner, 2007, p. 240), podemos considerar como um dos problemas a serem estudados pelas ciências sociais: “A ciência social trata de problemas de biografia, de história e de seus contatos dentro das estruturas sociais. São estes os três – biografia, história e sociedade – pontos coordenados do estudo adequado do homem”. Cabe considerar que por biografia entendemos a história de vida de uma pessoa, mas não a história de vida contada, relatada em aspectos gerais, mas a história de vida analisada a partir da história dos sujeitos em detrimento ao espaço que ocupam, aos grupos aos quais pertencem e suas práticas. Podemos afirmar então que a ideia aqui é mais do que falar da história de vida, é falar da trajetória da pessoa pesquisada, analisando os capitais sociais, simbólicos, econômicos e políticos e os fatores que as levaram a chegar ao poder e manter-se nele. Essa concepção de trajetória se pauta em Bourdieu (2011), visto que para este autor uma trajetória pode ser definida como as alocações e deslocamentos dos indivíduos no espaço social. Para a análise desta trajetória à luz dos conceitos de mandonismo e clientelismo, advindos da linha dos estudos sobre cultura política, fizemos uso de pesquisa bibliográfica em artigos e livros de referência da área. Trata-se da consulta e apropriação por parte do pesquisador de material que já fora construído e publicado e encontra-se disponível para consulta, tais como livros e periódicos (revistas, revistas científicas, fascículos, dentre outros), conforme explica Gil (1999).

2. Trajetória da Família Janene

Os primeiros Janene chegaram em Londrina na década de 1960, movidos pelo agronegócio. Abdelkarim Janene e o filho Jamil Janene, grandes latifundiários, pecuaristas, criadores de gado nelore, vieram do interior de São Paulo para o Norte do Paraná. Abdelkarim Janene, que também era

⁴ MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

cafeicultor, foi um dos colonizadores do Município de Colorado, localizado a 150 quilômetros de Londrina, onde comprou terras para a cultura do café na década de 1950. Esse primeiro Jamil (mais tarde teremos outro familiar de nome homônimo) destacou-se como referência no agronegócio, tendo sido presidente da Sociedade Rural do Paraná – SRP⁵ por dois mandatos consecutivos (1980-1982 e 1983-1984), período no qual reforçou a importância e a força da pecuária junto com a agricultura, pois assumiu a SRP num período difícil, após a “geada negra” de 1975 que destruiu a cultura do café na região. Esse importante papel de (re)fortalecimento da SRP feito por Jamil Janene está contado na obra de Barbosa (2000), na qual a historiadora faz um resgate da atuação de todos os gestores da SRP até o início dos anos 2000. Apesar de integrar a classe economicamente dominante local, os Janene entram efetivamente para a política “pelas mãos” da família Belinati, como veremos a seguir, em mais uma clássica conjugação de poder político e poder econômico, transformando-se em um só.

O membro mais famoso da família, José Mohamed Janene, nasceu em Santo Inácio, cidade próxima à Londrina, também no Norte do Paraná, no ano de 1955. Era filho dos imigrantes libaneses Mohamed Assad Janene e Memune Janene, os quais tiveram mais quatro filhos (um falecido), todos eles envolvidos nas teias política e econômica de José Janene. José trabalhava com o irmão, Faiçal Jannani, que era proprietário de uma empresa de iluminação, a Grupo de Iluminação F. Jannani, a qual desde o final da década de 1980 já vendia seus serviços para várias prefeituras e órgãos públicos da região de Londrina. Após deixar de ser o interlocutor do irmão nos negócios, José Janene criou a sua própria empresa de iluminação, a Eletrojan. Em série de reportagens publicadas pelo jornal Gazeta do Povo sobre a participação de londrinenses nos crimes investigados pela operação Lava Jato, foi tornada pública a relação longeva e direta de Janene e Belinati⁶. Porém, se analisarmos a história, a reportagem que tem como título “Aproximação com Belinati garantiu a primeira eleição de Janene”, publicada em 01 de março de 2015, deveria ter seu título invertido, já que antes do fato relatado nessa notícia, foi a aproximação de Belinati com Janene que garantiu a eleição de Belinati para o seu segundo mandato de Prefeito em Londrina. O resto foi apenas retribuição e trocas de favores entre as duas famílias.

Filiado ao PMDB desde 1981, José Janene migrou para o PDT em 1987, mesmo partido em que Belinati estava no período. Foi em 1988 que a aliança Janene – Belinati teve seu início, segundo

⁵ A Sociedade Rural do Paraná é uma importante instituição localizada em Londrina-PR, a qual representa econômica e politicamente os interesses do agronegócio paranaense, sendo desde a sua fundação um celeiro de lançamento de políticos em âmbito local e estadual.

⁶ Aproximação com Belinati garantiu primeira eleição de Janene. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/aproximacao-com-belinati-garantiu-primeira-eleicao-de-janene-752brca3dvhigxz0jsrdj1ikb>>. Acesso em 01 mar. 2013.

o blog de comentários de política “Molina... Soltando o Verbo”⁷. Afirma o *blogueiro* Carlos Molina, que a campanha de Belinati para Prefeito em 1988 estava descapitalizada e o também ex-Prefeito Wilson Moreira, do PSDB, estava na frente. Angariando financiadores de campanha, Belinati fecha aliança com Janene, a qual foi recompensada após a vitória de Belinati, com a indicação de cargos do primeiro e segundo escalão no município. Diz o *blogueiro* sobre a atuação de José Janene nessas eleições:

Ganha a prefeitura e com isso o direito de ratear a administração com seus indicados. [...] A partir daqui é o negociador das tarifas de transporte coletivo com a empresa dos Irmãos Lopes, pois seu indicado é o secretário de Serviços Públicos. [...] Monta dentro da prefeitura de Londrina um esquadrão de apadrinhados, dominando secretarias e órgãos municipais além de contratos de iluminação pública, negócios com concessionárias e até aluguel de arquibancadas de Carnaval e 7 de Setembro.⁸

O Secretário de Serviços Públicos nomeado por Belinati, em 1989, por meio do Decreto nº 01/1989, é Eduardo Alonso, apadrinhado de Janene, um dos protagonistas, anos mais tarde, do caso AMA/COMURB, que culminou na cassação de Belinati como prefeito no ano 2000. Na mesma série de reportagens da Gazeta do Povo citada anteriormente, está relatado que o sonho de Janene era suceder a Belinati como Prefeito de Londrina. Em 1990, testou sua popularidade candidatando-se à Deputado Federal pelo PDT, ocasião em que mesmo com o apoio de Belinati, não obteve êxito, pois ficou apenas na suplência e não foi efetivado nenhuma vez naquela legislatura. Diante dessa realidade, em 1992 desfilou-se do PDT e migrou para o PP, chegando a presidir o partido no Paraná e a ocupar cargos no diretório nacional. A força do seu poderio econômico lhe rendeu, em 1992, a indicação do seu irmão, Assad Jannani (PDT), para Vice-Prefeito na chapa vitoriosa de Luiz Eduardo Cheida (PT), derrotando a chapa de Wilson Moreira, do PSDB. Na gestão de Cheida, além de Vice-Prefeito, Assad operou como Presidente da SERCOMTEL, empresa pública de telefonia de Londrina. Na gestão de Assad Jannani a empresa fechou um contrato milionário com o Banco Fator, empresa envolvida em escândalos no Município de São Paulo na gestão de Celso Pitta, também do PP.

Em 1994, José Janene conseguiu o tão almejado cargo de Deputado Federal, com 44.838 votos⁹, com pouco apoio de Londrina, tendo angariado a maior parte de seus votos em pequenos municípios do Norte do Paraná. Há quem diga que, nessa mesma eleição, a mão poderosa de Janene tenha pesado sobre a decisão de Jaime Lerner em convidar Emília Belinati para ser candidata a Vice-

⁷ O homem que mandava em Londrina. Disponível em <<http://molinacuritiba.blogspot.com.br/2010/09/faleceu-jose-janene-o-homem-que-mandava.html>>. Acesso em 10 dez. 2012.

⁸ Fonte: Tribunal Superior Eleitoral.

⁹ Fonte: Tribunal Superior Eleitoral.

Governadora em sua chapa, pois além da simpatia do povo norte paranaense, a chapa teria também importante apoio financeiro articulado por José Janene. Durante seu mandato como Deputado Federal, José Janene, conforme indica sua biografia no sítio eletrônico da Câmara dos Deputados¹⁰, integrou a comissão de Minas e Energia; teve como seu assessor de imprensa o jornalista e radialista Homero Barbosa Neto, o qual foi prefeito de Londrina no final da década de 2000, também cassado por envolvimento em corrupção e atos ilícitos envolvendo recurso público municipal. Essas relações de Janene acabam dando vazão a afirmações como a do *blogueiro* Carlos Molina: “Nada acontece em Londrina sem que as mãos sujas de José Janene não se meta (sic) nas inúmeras enrascadas¹¹”.

Em 1996, Janene foi alvo de denúncias e processo criminal respondido em Foz do Iguaçu, num caso de corrupção envolvendo a Companhia de Desenvolvimento de Foz do Iguaçu, autarquia municipal, e a Eletrojan¹², empresa de iluminação de propriedade de José, a qual foi acusada de superfaturar a venda de postes. Dada a situação, o deputado pediu falência da Eletrojan, fechou a empresa e passou a operar no mesmo ramo com a empresa Mercoluz, também empreiteira de serviços públicos. Nesse mesmo ano, Janene volta a operar sua política em Londrina, apoiando Antonio Belinati para o cargo de Prefeito, campanha na qual saíram vitoriosos. Sobre a atuação de José Janene nessa campanha há um relato interessante publicado no jornal *online* Impacto Paraná, reproduzida no blog “Molina... Solta o Verbo”¹³:

[...] Faz desistir da campanha a prefeito o então vereador Alex Canziani, pelo PTB, indicando-o para ser o vice-prefeito de Antonio Belinati. José Janene utiliza recursos para custear as despesas já feitas pelo pré-candidato a prefeito e garante Alex na chapa PDT e PTB. Faz uma associação com o candidato do PT a prefeito de Londrina [...], deputado Paulo Bernardo, que começa a atacar o candidato que incomodava aos planos dele: Luiz Carlos Haully, pelo PSDB. Paulo Bernardo utiliza todo o tempo de televisão e rádio para atacar Haully e com isso deixar o caminho livre para Antonio Belinati. No segundo turno entre Belinati e Haully, José Janene consegue viabilizar recursos de Jaime Lerner como governador e mantém uma equipe coordenada pelo próprio chefe de gabinete Gerson Guellmann e o jornalista Fábio Campana. [...] Garante que o PT de Londrina, comandado por Paulo Bernardo, André Vargas e Nedson Micheletti, dê o apoio para a campanha vitoriosa de Antonio Belinati no segundo turno. Garante a eles a manutenção de cargos para petistas no governo de Belinati – como secretaria de Finanças, secretarias especiais, secretaria da mulher além de muitos cargos terceirizados na tal Frente de Trabalho.

¹⁰ Biografia. Disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=97792&tipo=0>. Acesso em 03 mar. 2015.

¹¹ O homem que mandava em Londrina. Disponível em <<http://molinacuritiba.blogspot.com.br/2010/09/faleceu-jose-janene-o-homem-que-mandava.html>>. Acesso em 10 dez. 2014.

¹² Ministério Público do Paraná pede ação contra Janene. Disponível em <www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc160811.htm>. Acesso em 20 dez. 2015.

¹³ O homem que mandava em Londrina. Disponível em <<http://molinacuritiba.blogspot.com.br/2010/09/faleceu-jose-janene-o-homem-que-mandava.html>>. Acesso em 10 dez. de 2014.

O apoio à Belinati foi cobrado a preço caro por José Janene, já que nessa gestão do Poder Executivo municipal, Assad Jannani foi nomeado por Belinati, através do Decreto nº 36/1997, para o cargo de Secretário Municipal de Serviços Públicos, secretaria responsável pelas articulações, contratações e concessões de transporte público, coleta de resíduos sólidos, dentre outros. Não por coincidência, no mesmo período, o irmão de José, Faiçal Jannani administrava as empresas Visatec (limpeza pública), Visacon (construtora de obras) e Visamáquinas (aluguel de máquinas e equipamentos), todas prestadoras de serviços da Prefeitura de Londrina. No início de 1999, Assad mudou de pasta, assumindo a presidência da COHAB/LD, permanecendo no cargo por apenas cinco meses, saindo quando Belinati foi afastado devido às denúncias do caso AMA/COMURB. Apesar do pouco tempo no cargo, a atuação de Assad na COHAB/LD lhe rendeu uma condenação judicial em 2014 pelo envolvimento em um caso de irregularidades numa dispensa de licitação envolvendo uma empresa de Foz do Iguaçu¹⁴. Com a máquina da Prefeitura de Londrina sob seu controle e o apoio de uma série de Prefeitos de pequenos municípios do Norte do Paraná, em 1998 Janene reelege-se Deputado Federal, pelo PPB¹⁵, sendo o segundo mais votado do Estado do Paraná, ficando atrás apenas de Rafael Greca, ex-prefeito à época e atual de Curitiba¹⁶. Curioso observar que apesar de Janene ter atuado nos bastidores da política londrinense por tanto tempo, a cidade não era um reduto eleitoral seu, já que dos votos obtidos, apenas 20.000 eleitores eram de Londrina, perfazendo menos de 20% dos seus votos. Ao verificarmos as suas votações, vê-se que as cidades menores da região Norte do Paraná foram responsáveis pela sua eleição, como Cambé, Ibioporã, Jardim Alegre, Cambará, além de Cornélio Procópio, na qual Janene obteve os votos de cerca de 40% dos eleitores locais¹⁷.

Entre os anos de 1999 e 2000, eclode o caso AMA/COMURB em Londrina, caso de corrupção no qual Belinati e seus parceiros políticos estiveram envolvidos, dentre eles José Janene e o doleiro Alberto Youssef. Diante da inviabilização (momentânea) de Belinati na política local, Janene passa a caminhar por outras sendas, apoiando nas eleições do ano 2000 o candidato Homero Barbosa Neto, do PDT, o qual como já citamos, foi assessor de José Janene nos anos de 1990. Na chapa, como parte do acordo, figurou novamente como Vice-Prefeito Assad Jannani. Em disputa contra Nedson Micheletti, companheiro de Janene nas eleições de 1996, a chapa de Barbosa Neto e Jannani foi derrotada. Diz-se na cidade que toda esta manobra de Janene com Barbosa Neto tinha como objetivo

¹⁴ TJ condena ex-diretores da COHAB de Londrina. Disponível em <<http://destaknews.com.br/?p=14261>>. Acesso em 7 jun. 2014.

¹⁵ Neste período o PP – Partido Progressista havia se fundido ao PPR – Partido Progressistas Reformador, tornando-se PPB – Partido Progressista Brasileiro em 1995, sigla que foi usada até o ano de 2003, quando o partido voltou a ser PP.

¹⁶ Fonte: Tribunal Superior Eleitoral.

¹⁷ Fonte: Tribunal Superior Eleitoral.

primeiro propiciar que Luiz Carlos Haully, do PSDB, inimigo histórico de Janene, ficasse de fora do segundo turno daquelas eleições, objetivo que foi alcançado, para o que contaram com a ajuda de Cheida, agora candidato a prefeito pelo PMDB, que usava o seu horário eleitoral para distribuir ofensas contra Haully. Nesse mesmo pleito municipal, mais um membro da família Janene obtém sucesso em um cargo eletivo: Jamil Janene, sobrinho de José, filho de Mohamed Cassin; elegeu-se vereador pelo PDT já no primeiro pleito disputado, com 2.244 votos¹⁸.

Em 2002, pelo PPB, José Janene busca o seu terceiro mandato, elegendendo-se Deputado Federal com 119.501 votos, dos quais apenas 8.671 vieram de eleitores de Londrina, nem 10% do total de votos obtidos, sendo o seu “curral” eleitoral novamente as pequenas cidades do Norte do Paraná, em especial aquelas do chamado Vale do Ivaí (Ivaiporã, Manoel Ribas, Jardim Alegre). Tal sucesso nesses pequenos municípios advinha do fato de seus prefeitos trabalharem em prol de Janene nas campanhas, angariando votos. Na maioria delas, a família Janene vendia algo ou prestava algum serviço ao poder público. Nessa eleição chama-nos a atenção o fato de José Janene ter obtido quase 3.000 votos no município da Lapa, cidade da Região Metropolitana de Curitiba, tão distante de Londrina e do Norte do Paraná. As ligações de Janene com a Lapa já remontam a meados dos anos de 1990, quando teria indicado um “apaniguado da Lapa para a CONAB”, vinculada ao Poder Executivo federal, conforme notícia o *blogueiro* Carlos Molina. Nesse seu terceiro mandato de Deputado Federal, Janene foi líder do PP na Câmara, conforme notícia do sítio eletrônico daquela casa. Na mesma eleição de 2002, tendo Assad Jannani como coordenador de campanha, Janene elege mais um de seus “pupilos”, Barbosa Neto, na função de Deputado Estadual. Como parte do acordo, Assad Jannani foi assessor de gabinete de Barbosa Neto na Assembleia Legislativa do Paraná. Com tentáculos na Câmara Federal, na ALEP, na Câmara de Vereadores de Londrina e com seu companheiro do PT, Paulo Bernardo, na Secretaria Municipal de Finanças de Londrina, Janene reforça a sua influência política. Na gestão de Nedson Micheleti, a exemplo, uma empresa chamada Fóssil venceu o processo licitatório para a coleta de resíduos sólidos (lixo). Anos mais tarde foi amplamente divulgado pela imprensa que essa empresa pertencia a um ex-assessor de Janene e tinha como sócio oculto o próprio¹⁹.

As eleições de 2002 foram as últimas em que Janene obteve êxito, já que a partir de então envolveu-se numa série de denúncias, amplamente divulgadas na imprensa, apontado como um dos

¹⁸ Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Paraná.

¹⁹ Testemunha explosiva. Disponível em <http://www.istoe.com.br/reportagens/detalhePrint.htm?idReportagem=11213&txPrint=completo>. Acesso em 25 ago. 2013.

principais operadores do chamado “mensalão”. Em meio a toda a tormenta, nas eleições de 2004, Janene teria apoiado nos bastidores os três principais candidatos a prefeito de Londrina: Nedson, do PT, que pleiteava a reeleição; Belinati, pelo PSL, seu “eterno” sócio nos negócios políticos; e seu “pupilo” Homero Barbosa Neto, pelo PDT. O objetivo possivelmente era garantir a continuidade de seus contratos ocultos com a Prefeitura de Londrina e não permitir, mais uma vez, a vitória de Haully, do PSDB. Saiu vitorioso Nedson Micheleti, do PT. Outro vitorioso do pleito de 2004 foi novamente seu sobrinho Jamil Janene, que conseguiu continuar no mandato como vereador, pelo PDT, com 2.649 votos²⁰.

Em 2006, quando já estava sendo processado pelos inúmeros casos de corrupção envolvendo o PT e o PP, Janene pediu aposentadoria do cargo de Deputado Federal alegando invalidez em razão de doença cardiovascular que tinha, com a qual sofria desde muito novo. A aposentadoria visava à proteção dos seus direitos políticos com uma possível cassação de mandato. Mesmo “inválido”, ocupou cargos no diretório nacional do PP, chegando a ser tesoureiro nacional do partido. Como num efeito dominó, o desgaste de José Janene, envolvido ativamente nos casos de corrupção, afetou outros familiares, visto que seu sobrinho Jamil Janene tentou o cargo de Deputado Estadual no pleito de 2006, pelo PDT, obtendo os parcos 5.574 votos, 3.057 deles obtidos em Londrina.²¹ Vale ressaltar que nessa campanha, José Janene apoiou publicamente Antonio Belinati para Deputado Estadual, não figurando como apoiador público do sobrinho Jamil. O mesmo feito repetiu-se nas eleições municipais de 2008, quando Jamil Janene ficou apenas na suplência do PMDB para a vereança, com 2027 votos²². Nessas mesmas eleições de 2008 Janene apoiou para a prefeitura Antonio Belinati, pelo PP, sem sucesso, já que o candidato ganhou mas não pôde assumir porque sua candidatura não havia sido homologada, em fatídica passagem da história política de Londrina.

Desde que seu nome começou a ser ventilado nos esquemas de corrupção, em especial o “mensalão”, José Janene passou a ter piorada a sua situação de saúde, falecendo em 2010 vitimado por um acidente vascular cerebral, seguido de parada cardíaca.²³ Mesmo depois de morto, o nome de Janene continuou a ser citado nos esquemas de corrupção, estando até hoje envolvido diretamente nas acusações de corrupção na Petrobrás, o chamado “petrolão”, foco de investigação da operação Lava-Jato. Conforme delação do ex-diretor da Petrobrás, Paulo Roberto Costa, Janene o teria indicado para o cargo no ano de 2004, sendo ele (Janene) o responsável por arrecadar os valores de propina

²⁰ Fonte: Tribunal Superior Eleitoral.

²¹ Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Paraná.

²² Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Paraná.

²³ Morre José Janene. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/morre-jose-janene-um-dos-pivos-do-escandalo-do-mensalao-28na966oqpta9exh3bqo1fy>>. Acesso em 25 jul. 2014.

provenientes de contratos da estatal e distribuir entre os demais partícipes, dentre eles outro londrinense, o ex-Deputado Federal André Vargas, do PT, recém condenado na referida operação da Polícia e da Justiça Federal. Após a sua morte, foi sucedido na função pelo doleiro Alberto Youssef, também delator do esquema do “petrolão”²⁴.

No ano de 2014 o Ministério Público Federal representou na 13ª Vara Federal Criminal contra Meheidin Hussein Jenani, primo de José Janene, Daniele Kemmer Janene, filha de José, e Assad Jannani, também irmão de José, denunciando-os por lavagem de dinheiro obtido por José Janene através do “mensalão”. Sua primeira esposa, Stael Fernanda Rodrigues de Lima, também foi investigada pela Delegacia da Receita Federal de Londrina por enriquecimento ilícito (JUSTIÇA FEDERAL DA 4ª REGIÃO, 2014). Meheiden, Danielle e um dos filhos de Assad Jannani também foram investigados num suposto sumiço de máquinas pertencentes ao espólio de José Janene, as quais haviam sido compradas através de *leasing* do Banco do Brasil e deveriam ser retomadas pelo banco, que ao tentar fazê-lo, constatou o desaparecimento destas das dependências da empresa Dunel, administrada pela filha de José, Danielle Janene²⁵. Assad, conforme noticiado pela Revista Isto É, também foi investigado por outro crime no mensalão, envolvendo o aluguel de carros para os Correios, pela empresa JN Rent a Car, da qual era sócio oculto²⁶. Além de todos os casos aqui citados – AMA/COMURB, “mensalão” e “petrolão”, a família Janene ainda teve seu nome envolvido em outro famoso escândalo da política paranaense: o caso BANESTADO, no qual juntamente com seu compadre Alberto Youssef, foi acusado de lavar dinheiro recebido ilicitamente através de contas no banco público²⁷.

Para além dos nomes e cargos aqui já citados, é possível encontrar alguns outros parentes de José Janene ocupando cargos mais coadjuvantes, tais como Dulcinéia Jannani, esposa de Assad Jannani, que ocupou cargo comissionado na ALEP durante o mandato de Barbosa Neto como Deputado Estadual (2003-2006), ocasião em que foi acusada de ser funcionária fantasma daquela casa legislativa²⁸.

²⁴ Londrinenses se encontram na Lava Jato. Disponível em: <<http://www.impactopr.com.br/londrinenses-se-reencontram-na-lava-jato/>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

²⁵ Herdeiros de Janene podem ser desmascarados. Disponível em <<http://ucho.info/herdeiros-de-jose-janene-podem-ser-desmascarados-no-caso-de-participacao-oculta-em-empresa-de-tecnologia>>. Acesso em 14 dez. 2014.

²⁶ Esquema de doleiro também operou nos Correios. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/359698_ESQUEMA+DO+DOLEIRO+OPEROU+NOS+CORREIOS>. Acesso em: 01 mar.2015.

²⁷ Fio solto no caso AMA/COMURB levou ao caso Benestado. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/fio-solto-do-escandalo-amacomurb-levou-ao-caso-banestado-dztgc7o8fhorfn8cbp5zlp2rf>>. Acesso em: 28 fev. 2015.

²⁸ Esposa de Assad faria assessoria para Barbosa “em casa”. Disponível em: <http://www.bonde.com.br/?id_bonde=1-3-786-20090630>. Acesso em: 01 mar. 2015.

A outra irmã viva de Janene, Soleima Janene Barion, também esteve envolvida nos negócios de José, sendo que ela e o esposo, Jurandir Barion, foram sócios investidores de José Janene na empresa de iluminação Eletrojan. Em reportagem da Folha de São Paulo²⁹, Soleima conta que ela e o marido investiram cerca de R\$ 500 mil na Eletrojan e contraíram empréstimos de cerca de R\$ 400 mil para a campanha de Janene para Deputado Federal, em 1994, com a promessa de que em vencendo a eleição a Eletrojan ganharia licitações de mais serviços e teria um retorno garantido para todos os sócios. O filho do casal, Aristides Barion, foi o coordenador da campanha em Londrina. O pagamento prometido não veio, Soleima e o esposo perderam todo o patrimônio por falta de pagamento dos empréstimos e romperam relações com José Janene. Sobre o caso, a Folha de São Paulo publicou a seguinte fala de Soleima:

“Nós perdemos 23 anos de batalha. Eu perdi muito mais. Perdi sentimentos afetivos que cultivei a vida toda. O Zé é meu irmão caçula, foi aquele irmão que a gente cuida, protege”, disse à Agência Folha Soleima Barion, irmã de Janene. Segundo Soleima, sua família foi humilhada. “Era oficial de Justiça todo dia aqui em casa. Minha filha chorava todo dia. O Zé me virou as costas e não ficou para assistir tudo isso.”³⁰

Sobre a esposa de Janene, Stael, esta sempre esteve nos bastidores e teve seu nome envolvido em várias investigações e ações ligadas à movimentação ilegal de recursos e lavagem de dinheiro. Janene separou-se dela em 2008. Stael Fernanda também está citada na operação Lavo-Jato, pois conforme noticiou a imprensa, investigou-se que ela estava cobrando de Alberto Youssef valores voluptuosos em dinheiro que estariam em uma conta oculta de José Janene no exterior, da qual Youssef teria “se apossado” após a morte dele³¹. Stael chegou a ser ventilada como candidata a Deputada Federal, pelo PP, em 2010, mas declinou a pedido do ex-marido, ainda antes da morte dele³².

O poderio da família Janene também se estendeu às duas principais organizações de Londrina: Sociedade Rural do Paraná - SRP e Associação Comercial e Industrial de Londrina - ACIL. Na ACIL foi Assad Jannani que representou a família, ocupando uma diretoria entre os anos de 1995-1996, O mesmo Jamil Janene citado no início deste item, além de presidente da SRP, ocupou também

²⁹ Família cobra dívida de deputado na justiça. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc160807.htm>> Acesso em 23 fev. 2015.

³⁰ Família cobra dívida de deputado na justiça. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc160807.htm>> Acesso em 23 fev.2015.

³¹ Viúva-bomba assombra PT na CPI da Petrobrás. Disponível em: <<http://www.diariodopoder.com.br/noticia.php?i=11682601816>>. Acesso em: 25 fev.2015.

³² A campanha dos herdeiros do mensalão. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/a-campanha-dos-herdeiros-do-mensalao/>>. Acesso em: 28 fev.2015.

diversos cargos de diretoria na mesma instituição; seu pai, Abdelkarim Janene, igualmente ocupou cargos na SRP; nos dias atuais, o agropecuarista Marcelo Janene El Kadre, primo de José Janene, vem ocupando cargos de alta diretoria também na SRP. Dono de um grande latifúndio adquirido durante sua história, Janene teve sua fazenda próxima à Londrina (Fazenda Três Jotas) invadida pelo MST, em 2006, quando o movimento protestava porque Janene supostamente havia comprado as terras com dinheiro do “mensalão”. Um grupo de “pistoleiros” armados expulsou os sem-terra da fazenda em 2007, num processo violento de desocupação, o qual Janene negou veementemente que tenha sido a seu mando.

Com fama de mandão, centralizador e obcecado pelo poder e dinheiro, o personagem central da família, José Janene, levou consigo do ápice à derrocada um sem fim de parentes, já citados aqui, além de outros políticos. Em entrevista ao Jornal de Londrina, em 02 de março de 2015, o promotor londrinense Claudio Esteves, que investigou Janene em vários dos casos em que esteve envolvido relata: “Ele se impunha pelo poder, pelo jeito de agir e era arrojado quando desviava dinheiro. Quem queria enriquecer se aproximava dele e ficava sob o guarda-chuva dele”.³³ Na mesma reportagem, sua ex-esposa, Stael, descreve em poucas palavras José Janene: “O Zé era assim: me ame ou me odeie”. Sua história sempre esteve entrelaçada a de Alberto Youssef, com quem tinha relações desde o final dos anos 1990, sempre parceiros nos “negócios” e na vida pessoal. Em 2004 Youssef batizou o filho caçula de Janene e Stael, oficializando aí a relação de compadrio entre ambos, que só se dissolveu com a morte de Janene, de quem Youssef esteve ao lado até a última hora, sendo o responsável por assinar o atestado de óbito e fazer a liberação do corpo no hospital em que Janene morreu em São Paulo³⁴.

3. Análise da trajetória família Janene à luz dos estudos sobre cultura política

José Janene e seus familiares são mais um caso típico a ser analisado a partir das lógicas de poder local e culturas de clientelismo e mandonismo. No seu *modus operandi* de fazer política, Janene fez do serviço público o seu negócio de família, ditando as regras em políticas públicas urbanas por

³³Janene sempre esteve perto do poder. Disponível em: <<http://www.jornaldelondrina.com.br/londrina/conteudo.phtml?tl=1&id=1534528&tit=Janene-empire-esteve-perto-do-poder>> Acesso em: 02 mar. 2015.

³⁴Janene sempre esteve perto do poder. Disponível em: <<http://www.jornaldelondrina.com.br/londrina/conteudo.phtml?tl=1&id=1534528&tit=Janene-empire-esteve-perto-do-poder>> Acesso em: 02 mar. 2015.

meio da manipulação de processos de licitatórios para que suas empresas prestassem serviços públicos às prefeituras, especialmente a de Londrina. Com estes recursos comprovadamente ganhos ilicitamente, adotava práticas clientelistas visando a eleger os seus apoiados em novos processos eleitorais. No caso em tela, a cultura da dádiva, presente na cultura brasileira desde o período colonial, explicada por Tereza Sales (1993), não reside na relação por ela citada de obediência e subserviência entre os donos do poder e os “não donos”, mas sim numa relação de domínio e poder entre políticos com capital financeiro e os demais, que agregam este capital aos demais capitais que já possuem, como a aliança entre Belinati e Janene, explorada no item anterior. Analogamente, estabelece-se uma cultura de trocas entre estes membros da classe política. Perdido em meio a este jogo, os “homens comuns” veem seus direitos inerentes à cidadania serem canalizados para a troca de favores entre os políticos, que quando eleitos, rateiam suas secretarias e cargos comissionados entre os seus apaniguados, os quais influenciarão direto na execução das políticas públicas, ofertadas a preços altos e qualidade baixa, na maioria das vezes.

Janene não foge às afirmações feitas por Tereza Sales (2003), José Murillo de Carvalho (1997) e Vitor Nunes Leal (1948), de que as raízes da cultura política brasileira estão no grande latifúndio e começam a partir da posse desigual da terra e da divisão entre os senhores e os que para estes trabalhavam, visto que nosso personagem advém de família de vasta posse de terras no interior de São Paulo. Albdelkarem Janene e Jamil Janene (o tio de José) tornaram-se grandes agricultores da cultura do café no período do “Eldorado” (em alusão ao “el dorado”, o ouro em língua espanhola). Avô e tio de José articularam durante algumas décadas o poder local, por meio do domínio de uma importante instituição de defesa dos interesses do agronegócio paranaense, a Sociedade Rural do Paraná. Como bem diferencia José Murillo de Carvalho (1997), não é certo falarmos da existência de coronéis ainda nos dias de hoje, visto que o coronelismo enquanto fenômeno social fez parte de uma cultura política com data demarcada no tempo, tendo como foco a Primeira República no Brasil. Enquanto conceito, Sales (2003, não paginado) o define como uma relação de “reciprocidade em que de um lado estão os chefes municipais e os coronéis com seus currais eleitorais, e de outro, a situação política dominante do Estado, que dispõe do erário, dos empregos, dos favores e da força policial”. Muitas destas características, mesmo que já no final de século XX, estavam presentes no caso de Janene, embora não possamos caracterizá-la como coronelismo, mas o seu alinhamento àqueles que estão no poder local e a forma como fez do Estado o seu “garimpo” de onde extraiu cargos, favores e contratos que geraram enriquecimento ilícito lembram sobremaneira àquela forma de agir do período coronelista.

O domínio até mesmo da força policial e do sistema de justiça na região fica evidenciado quando se verificam passagens tais como o ataque aos membros do movimento sem-terra na Fazenda Quatro Jotas, por milicianos e pistoleiros, sem que qualquer pessoa tenha sido penalizada. Em outro, caso ocorrido no ano 2000, o primo de José, também pecuarista, Mauro Janene, supostamente cometeu feminicídio, tendo sido acusado de esganar sua namorada e jogá-la do décimo segundo andar do prédio em que residia, ficando apenas cinco dias preso, sem ter ido a julgamento até os dias atuais, dezoito anos depois³⁵.

Podemos também aproximar José Janene e seu clã ao conceito de clientelismo, na sua modalidade contemporânea, trazido por Avelino (1994), o qual afirma que se antes os patronos se aliavam aos dirigentes públicos para canalizar benesses aos seus apaniguados, agora os próprios patronos passam a eles pleitearem a ocupação dos cargos públicos. No caso de Janene, primeiramente contentava-se em apoiar financeiramente campanhas para assegurar a contratação de suas empresas prestadoras de serviços. Mais tarde, conforme relatado, passa a ele mesmo ocupar cargos e empregar os seus em cargos no Estado, em toda natureza de instituição, nas três esferas de governo, corroborando com a afirmação do mesmo autor de que nas relações clientelistas, qualquer cargo, por menor e menos importante que pareça, sempre interessa ao patrono. A ocupação do espaço público, segundo o mesmo Avelino (1994) deixa o patrono em relação significativa de vantagem em relação aos demais, pois com a máquina em mãos tem-se um maior número de elementos e itens para se oferecer aos clientes e assegurar a permanência do patrono no poder. A família Janene praticou, ao nosso ver, os dois tipos de clientelismo lançados por Avelino (1994), o eleitoral e o institucional. Na análise do clientelismo eleitoral, parte-se do pressuposto de que há uma relação direta entre a administração de benefícios estatais/públicos e as eleições. Neste modelo também se leva em consideração que o patrono poderá praticar o clientelismo se tiver êxito no processo eleitoral e que o eleitor tem possibilidade de escolha entre diferentes patronos. A vitória eleitoral geraria acesso ao poder e por meio deste se reproduziriam as práticas clientelistas. No caso em tela, Janene nem sempre praticou ele o clientelismo, mas concedia recursos pessoais, muitos deles ganhos ilicitamente, como apresentado no item um deste artigo, para que os seus candidatos de preferência pudessem praticar o clientelismo. Prova disto é a quantidade de votos obtidos por Janene nos pleitos eleitorais em pequenos municípios da região norte do Paraná, muitos deles nos quais ele nunca sequer passou, mas

³⁵J.P relembra: primo de José Janene, do petrolão, é acusado de jogar mulher do 12º andar. Disponível em: <<https://glamurama.uol.com.br/primo-de-jose-janene-do-petrolao-e-acusado-de-jogar-mulher-do-12-andar/>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

tinha como hábito aliciar os prefeitos destes municípios para que estes angariassem votos para ele. Uma vez ocupado o cargo público, seja por ele, ou por seus irmãos, entrava em cena o clientelismo institucional, no qual o patrono faz uso da máquina pública para beneficiar-se pessoalmente e aos seus clientes, visando a assegurar a sua legitimidade. Com este uso do aparelho do Estado para negociar os interesses individuais dos aliados, o governo tem dificuldade de estabelecer prioridades em termos de políticas públicas, visto que estas se fragmentam e se orientam conforme o jogo de interesses para atender a clientela.

Outro ponto a se considerar é o fato de que no caso brasileiro, a lei eleitoral permite o voto em pessoas e não exige uma coerência de votos em partidos. A política acaba se organizando em âmbito local a partir da figura dos patronos, ficando a questão partidária subsumida e os partidos enfraquecidos, como afirma Avelino (1994). Janene é a expressão desta forma contemporânea de organização do poder local, focada em figuras pessoais e não na organização partidária. Em que pese ele próprio tenha permanecido grande parte de sua vida no PP (Partido Progressista), aliou-se em Londrina, especialmente nos pleitos majoritários, com partidos que variam deste do PT (Partido dos Trabalhadores), PDT (Partido Democrático Trabalhista), DEM (Democratas), PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), dentre outros. O único partido com o qual nunca se aliou em âmbito local foi com o PSDB (Partido Socialista Democrático Brasileiro), por uma razão pessoal, já que o líder local de tal partido era Luiz Carlos Hauly, seu inimigo histórico, demonstrando que a relação política centrada em pessoas e não em partidos serve tanto “para o bem, como para o mal”. Em Londrina nunca se aliou ao PSDB de Hauly, mas em âmbito nacional, aliou-se a este partido, conforme apontaram as investigações da Operação Lava-Jato.

Esta baixa institucionalização do sistema político-partidário pautado nas eleições individuais gera grandes “caciques” locais e regionais, em torno dos quais os partidos se organizam localmente. A lealdade ao partido é substituída pela lealdade ao “cacique”, que garante o fluxo de recursos para os aliados. No caso em análise, Janene e Belinati se caracterizavam com os grandes caciques do PP, em torno dos quais os demais políticos emergentes, empresários com interesses em contratações com o Estado e clientes se aglutinavam. Nesta organização local, embora nem sempre eleitos, os “caciques” conseguem se beneficiar da máquina pública cobrando seus apoios na forma de cargos comissionados. “Embora a utilização do aparelho estatal como recurso eleitoral não necessariamente se traduza em votos, os políticos governistas continuam a disputar as indicações para estes postos” (AVELINO, 1994, p. 237). A ocupação destes postos públicos amplia a capacidade de negociação e a troca de votos, além de estabelecer *networks* para alianças políticas. No caso de Janene, assegurava

benefícios pessoais diretos com a nomeação de seus irmãos e outros parentes justamente para cargos em secretarias responsáveis pela contratação de serviços urbanos, visto que suas empresas atuavam nestes ramos. Não por acaso, suas empresas prestaram serviços em inúmeros municípios da região Norte do Paraná. Para os grandes “caciques”, começar pelos municípios é a estratégia essencial. Dominar o poder local eleva as chances de competir num cenário mais amplo, de fazer base eleitoral sólida. O poder local permite aproximar-se mais da população eleitora, criando relações diretas de afeto, confiança, expectativa e esperança. Um bom *network* na política local assegura mais votos para uma reeleição do que uma boa relação com a direção central de um partido, fazendo da política brasileira um “jogo de política local” (AVELINO, 1994, p. 238). Uma vez no exercício do poder, o clientelista não apenas assegurará recursos para si e para sua base, como também se ocupará de permitir que não cheguem recursos aos seus concorrentes, visando a não dividir o comando político local, o que bem fez Janene recorrentes vezes com seu inimigo histórico Luiz Carlos Hauly que chegou a perder seis eleições para o cargo de Prefeito de Londrina, até que desistisse de disputar o pleito.

Considerações Finais

Janene fez parte de um círculo vicioso: investiu dinheiro em política, obteve retorno financeiro da política, investiu mais e obteve mais dinheiro ainda e, na medida em que ganhou mais dinheiro, obteve mais poder político, chegando a ser apontado como “o político que mandou no Brasil”, conforme divulgado na imprensa nacional no início do mês de março de 2015. Apesar de ter sido uma liderança do PP por quase toda a sua carreira política, Janene transitou tranquilamente por outros partidos, estando registradas as suas relações com PT, PMDB e PDT. Dizem pela cidade de Londrina que os tentáculos de Janene tenham chegado até o Estado do Mato Grosso e de São Paulo, com empresas que chegaram a prestar serviços para grandes prefeituras, tais como Santo André e Ribeirão Preto, em administrações petistas, reafirmando nossos estudos em cultura política com os autores que afirmam que a organização da política brasileira se dá a partir da política local, individualizada em seus “caciques”, os quais por meio dos cargos e funções ocupadas em âmbito local conseguem, por meio de várias estratégias, dentre elas o clientelismo, ganhar projeção em outras esferas (estadual e nacional).

Embora tenha tido frustrado o seu sonho de ser prefeito, Janene “venceu” ao menos cinco eleições consecutivas em Londrina-PR, na qual os seus “apadrinhados” elegeram-se prefeitos da

cidade, iniciando com Belinati, em 1988, seguindo até Barbosa Neto, em 2008. Em todos os casos, seus irmãos ocuparam cargos estratégicos em órgãos como Secretarias de Governo, de Serviços Públicos, COHAB e até mesmo na empresa municipal de telefonia. Em todas estas situações, suas empresas foram contratadas para prestação de serviços para o município, comprovando que política também é um negócio de família, comprovando que o clientelismo é um fator integrador da política no Brasil atualmente e que este não é apenas uma retórica ou um conceito vazio, mas sim uma prática política de resultados garantidos, a qual acirra as desigualdades sociais, cerceia a distribuição de recursos e empobrece a oferta das políticas públicas.

Referências

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE LONDRINA – ACIL. **Setenta Anos de Luta**. Londrina: ACIL, 2007.

AVELINO FILHO, George. **Clientelismo e política no Brasil**: revisitando velhos problemas. Revista Novos Estudos CEBRAP, n.38, mar.1994, p. 225-240.

BARBOSA, Maria Lucia Victor. **A colheita da vida**: resgate histórico da sociedade rural do Paraná. Londrina: Sociedade Rural do Paraná, 2000.

BOURIDEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. 11ed. Campinas: Papirus, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. **Revista Dados**, v. 40, n.2, Rio de Janeiro, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JUSTIÇA FEDERAL DA 4ª REGIÃO. 13ª Vara Criminal de Curitiba. **Autos nº 5047229-77.2014.404.7000**. Rubens de Andrade Filho, Meheiden Hussein Jenani, Ediel Viana da Silva, Dinorah Abrao Chater, Danielle Kemmer Janene, Carlos Alberto Pereira da Costa, Carlos Alberto Murari, Assad Jannani, Alberto Youssef, Carlos Abib Chater. Instaurado em 11 de julho de 2014.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. Rio de Janeiro: Forense, 1948.

SALES, Teresa. **Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira**. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/porta/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_02.htm>. Acesso em: 01 jun. 2018.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. **Trajetórias e biografias**: notas para uma análise bourdieusiana. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n.17, p. 240- 264, jan./jun.2007.



Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses, Curitiba, v. 6, n. 1, jun. 2020
Dossiê Poderes Locais ISSN: 2447-5548

Recebido em: 07 jan. 2020.

Aceito em: 14 abr. 2020.